

# “A EDUCAÇÃO FÍSICA VAI À PRAIA”:

## RELATO E REFLEXÕES DE UM PROJETO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MS. ANDRÉ DELAZARI TRISTÃO

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Professor da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

**Resumo** | Trata-se de um relato de experiência cujo objetivo é documentar, divulgar e refletir acerca de um projeto desenvolvido pela Educação Física na praia entre os meses de fevereiro a outubro de 2015, em uma unidade de Educação Infantil no município de Florianópolis. Por meio da descrição, exposição das orientações teóricas e uma breve reflexão sobre dois eventos ocorridos, abordo alguns entraves, até certo ponto, mal resolvidos, mas que permeiam o trabalho dos educadores nas creches e NEIs. A utilização de um ambiente diferenciado nas práticas pedagógicas parece fomentar experiências infantis com menos imposição dos adultos, privilegiando relações entre os pares e a construção da cultura infantil, porém não imune às ações civilizadoras presentes nas relações intergeracionais.

**Palavras-chave** | Educação Física; Educação Infantil; Relato de experiência.

### INTRODUÇÃO

Socializar experiências realizadas pela Educação Física (EF) na Educação Infantil (EI) e constituir uma especificidade do trabalho pedagógico são desafios que se colocam atualmente para os educadores. O que se faz com crianças de 0 a 5 anos e o que lhe é específico nesta etapa da Educação Básica ainda se encontra em construção, em processo de legitimação, mas apontam para a complementaridade dos distintos saberes no trabalho com a infância (SAYÃO, 2000; VAZ, 2002; TRISTÃO, 2010).

Propondo ser uma contribuição na tentativa de amenizar a dispersão e a falta de registro das práticas oriundas do cotidiano da rede pública, assim como a supressão da memória e da história desse movimento, o texto objetiva relatar e refletir acerca de um dos projetos desenvolvidos pela EF em um Núcleo de Educação Infantil (NEI) do município de Florianópolis. A intenção é, também, debater o papel do educador no Processo Civilizador<sup>1</sup> durante a infância e na promoção de momentos que privilegiem a construção da cultura infantil.

O relato inicia-se com uma descrição do contexto e apresenta conceitos que orientam a inserção da EF na unidade. Em seguida, trata da concepção, organização e materialização do projeto “A Educação Física vai à praia” e propõe uma reflexão a partir de dois eventos distintos. Por fim, são tecidas considerações que abordam alguns entraves, até certo ponto, mal resolvidos, mas que permeiam cotidianamente o trabalho dos que atuam na EI.

## **CONTEXTUALIZANDO**

O relato trata do projeto realizado nos 3 grupos ofertados pelo NEI<sup>2</sup>, instituição situada no extremo sul da ilha de Florianópolis que atende 60 crianças de 2 a 5 anos, distribuídas em três turmas de período integral, com atendimento das 7h às 19h. Localizada em bairro à beira mar, de tradição pesqueira e maricultora, foi construída no alto de um

1. A teoria do processo civilizador, elaborada em duas obras, e desdobrada em muitas outras, pelo sociólogo alemão Norbert Elias, constitui uma perspectiva teórica de análise da sociedade baseada nas mudanças de conduta e sentimento dos indivíduos, costumes e hábitos, na transformação do comportamento humano ao longo do tempo. A luta interna que o indivíduo enfrenta na experiência social entre as inclinações pessoais e as exigências sociais ilustra o controle de si que caracteriza o processo civilizador.
2. O espaço físico é composto por três salas, 2 banheiros infantis, 1 sala dos professores, 1 banheiro adulto, 1 sala da direção, parque, cozinha, lavanderia, 1 sala de materiais pedagógicos e 1 sala com materiais da Educação Física. O corpo docente e profissional é constituído por: 3 professoras de sala, 6 auxiliares de sala, 3 professoras auxiliares, 1 professor de Educação Física, 2 profissionais readaptados, 1 diretora, 2 cozinheiras e 2 técnicas de limpeza.

terreno em alicive, cercada pela mata atlântica, distante 100 metros da praia. Possui uma bela vista do mar com barcos pesqueiros, mas também das montanhas, na parte continental.

No NEI, o trabalho pedagógico da EF está organizado a partir de 3 projetos: 1) Práticas Corporais; 2) “O parque é nosso”; 3) “A Educação Física vai à praia”. De modo sucinto, o projeto intitulado “Práticas Corporais” trabalha com distintos conteúdos vinculados a EF (ex: Ginástica; Esportes; Arte Circense; Experiências Sensoriais), os reorganizando e resignificando nas brincadeiras com as crianças. “O parque é nosso” viabiliza uma organização diferenciada dos brinquedos do parque, propõe brincadeiras diversas e promove a interação entre os grupos, por atender os 3, simultaneamente, neste espaço. Os projetos acontecem semanalmente, o primeiro com turmas separadas durante 45 minutos, o segundo de modo coletivo, com duração de 2 horas.

Nesse contexto, o projeto “A Educação Física vai à praia” está inserido e foi desenvolvido. Sua divulgação é, certamente, um esforço na tentativa de documentar e analisar experiências pedagógicas com a infância, bem como fomentar o debate concernente à presença deste conhecimento na primeira etapa da Educação Básica.

## **BREVES ORIENTAÇÕES TEÓRICAS QUE BALIZAM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Indicar conceitos que nos auxiliam a pensar a proposta relatada torna-se importante quando reconhecemos e nos valemos das produções científicas na profissão docente, como ferramenta de formação permanente, fundamentação e reflexão das práticas pedagógicas. Tais orientações não se restringem exclusivamente ao projeto, mas referem-se à totalidade do trabalho desenvolvido pela EF na instituição.

Inicialmente, a infância é concebida como categoria social legítima, com características e interesses peculiares que se diferenciam das demais, especialmente na relação com o tempo, espaço, materiais e os outros. Os sujeitos da infância, as crianças, são atores sociais, sujeitos históricos atuantes na produção, incorporação e transformação da cultura existente, constituindo a cultura infantil. Este conceito emerge como a possibilidade de demarcação da participação ativa da criança em seu

processo de socialização, isto é, a capacidade de constituírem culturas que se diferenciam dos adultos e que “veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo” (SARMENTO, 2005).

Outro conceito fundamental é o de brincadeira, entendido como eixo fundante das aprendizagens e manifestações das diferentes linguagens infantis, como atividade principal da infância, promotora do desenvolvimento psíquico da criança (VYGOTSKY, 2008).

Cabe também pontuar a busca pela indissociabilidade do cuidar e educar na EI, postulando uma educação que se baseie no respeito à diversidade e às diferenças, ao outro, às coisas, ao meio ambiente e a si mesmo, propiciando situações mediante as quais as crianças paulatinamente consigam incorporar o controle das emoções necessário à formação social, enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade, mas que não despreze suas singularidades e interesses.

## **O PROJETO “A EDUCAÇÃO FÍSICA VAI À PRAIA”**

*A ideia, os princípios e objetivos*

A ideia surgiu como alternativa para realizar certas práticas corporais que não poderiam ser materializadas no espaço físico do NEI, pois este não possui nenhuma área ampla sem brinquedos fixos, especialmente aquelas que envolvem corridas e saltos. A proposta foi apresentada em Reunião Pedagógica para os demais profissionais, indicando os seguintes princípios: 1) diversificação e exploração dos espaços nas práticas corporais; 2) reconhecimento e compreensão da relação do homem com a natureza a partir de uma política sustentável; 3) garantir o direito à brincadeira, interação e expressão; 4) promoção da autonomia, imaginação e criatividade;

A partir destes princípios, indiquei os seguintes objetivos: 1) ampliar as experiências com as práticas corporais durante a EF; 2) promover a interação das crianças em um espaço diferenciado; 3) aproximar e sensibilizar as crianças no usufruto e conservação deste espaço; 4) ampliar o conhecimento em relação ao habitat onde o NEI foi construído;

## *Desenvolvimento*

Com base nos princípios e objetivos supracitados, elaboramos com as turmas, separadamente, um debate intentando comunicá-las da proposta, bem como verificar o conhecimento e compreensão em relação aos animais que vivem na praia, do que eles se alimentam, onde vivem (no mar, na areia, no ar, etc), mas também à ocupação e utilização pelos seres humanos (lazer e trabalho). A proximidade do contexto sócio-cultural das famílias com o mar contribuiu para que a maioria das informações surgisse das próprias crianças. Não exclusivamente, mas especialmente com a turma do G2, em fase de construção da fala articulada, a dinâmica de questionamentos que oferecia opções de resposta teve repercussão positiva, aproximando estes conhecimentos da realidade de crianças com pouca idade (neste caso, até 2 anos).

A participação das turmas está condicionada às condições climáticas e marítimas (maré, chuva e vento), contudo, a proposta é que 1 turma participe, semanalmente, no período matutino, das 9h às 10h30min. Este horário foi pensado considerando a presença das crianças no NEI (grande parte chega de transporte privado por volta das 8h30min) e a organização da rotina da instituição (às 11h o almoço começa a ser servido). A presença das 2 professoras da turma é indispensável, tanto na promoção da segurança como na ampliação das experiências e, normalmente, contamos com a participação de outra profissional (a auxiliar de limpeza, a readaptada ou a diretora) durante o trajeto até a praia.

### *A preparação e o deslocamento*

Quando tudo está propício, inicio os trabalhos de preparação me comunicando com as professoras e crianças da turma, e providenciando o que é necessário, dentre brinquedos, materiais, água e papel higiênico. Em sala, todos passam filtro solar e são aconselhados a irem ao banheiro. Em seguida, sentados em roda, relembramos as regras para “os dias de praia”. Com as turmas maiores, as crianças são estimuladas a falarem as regras, sendo complementadas pelos professores se necessário.

Nos debates com as turmas, sugerimos, em determinadas ocasiões, que o deslocamento fosse feito dentro de um barco (elemento citado pelas crianças) imaginário feito com apenas uma corda em que todos devem segurar. Durante o percurso, o barco atravessava a rua, passava por ondas, sobia ladeiras, se escondia do tubarão (ônibus). Procuramos, ainda, estimular a apreciação de alguns elementos da natureza como flores, borboletas, formigas, cavalos, cachorros, passarinhos, frutas e um córrego d'água.

Tal proposta buscou explorar a imaginação, privilegiando o conteúdo simbólico citado pelas crianças, mas também tem se mostrado uma importante ferramenta na prevenção de acidentes, por facilitar a visualização e comunicação, bem como a realização de brincadeiras cantadas.

Deslocar-se com crianças pequenas em espaços que ofereçam riscos é, sempre, um desafio para os educadores. A opção adotada é fruto de uma combinação de fatores, mas indica a direção de assegurar a integridade física valendo-se de brincadeiras que sejam significativas, prazerosas e que auxiliem as crianças entenderem os riscos.

#### As brincadeiras

No espaço da praia, desenvolvemos atividades diversificadas, tais como: brincadeiras de perseguição; brincadeiras com cordas, bolas e arcos; brincadeiras cantadas; desafios de correr e saltar; manipulação da areia. Outra brincadeira, sempre presente no local, envolve um balanço montado com cordas e pneus de bicicleta, amarrado em uma árvore localizada no meio da praia. Alguns galhos avançam sobre a areia, proporcionando a construção de um balanço que se movimenta em qualquer direção, sem obstáculos ao redor. As crianças são balançadas sentadas e em pé, e estimuladas a balançarem umas às outras.

A realização das atividades no contexto da praia apresenta algumas particularidades que as tornam relevantes na educação das crianças, por ser um ambiente amplo que oferece experiências sensoriais distintas e diferencia-se das brincadeiras organizadas no NEI, possibilitando que usufruam e se expressem de outras maneiras. Não obstante, algumas brincadeiras só são possíveis na praia em função dos riscos que a instituição oferece para a realização de movimentos mais amplos, pelo número de

profissionais mobilizados e pelos elementos disponíveis somente neste ambiente (barcos, redes, areia da praia e água do mar), o que certamente modifica a dinâmica e significação das propostas, enriquecendo as experiências infantis.

Outras atividades neste espaço ainda estão por serem realizadas, considerando as condições climáticas, especialmente os dias mais quentes que possibilitam a realização de atividades na água, tais como: brincar com materiais diversos na água; iniciação à natação; brincadeiras em caiaques como remar e pular do mesmo; produção de esculturas com areia e água do mar.

## **DOIS FATOS MARCANTES E UMA BREVE ANÁLISE**

### *Sobre a segurança*

O primeiro episódio marcante que merece ampla atenção diz respeito à segurança e aconteceu quando retornávamos com o grupo do G5 da praia ao NEI. Contrariando a regra de estar no “barco” durante o trajeto, uma criança soltou-se da corda e correu em direção à rua, por um beco que dá acesso à praia, sendo seguida por outras duas. Estas duas últimas retornaram quando chamamos seus nomes, a outra, que estava mais distante, continuou correndo, até que a alcancei e peguei no colo.

Não há dúvidas, a preocupação com a segurança das crianças na EI é dever dos profissionais que com elas atuam, todas as precauções para que usufruam das experiências com segurança devem ser tomadas, inclusive, prevendo as possibilidades de transgressão que possam gerar algum risco. Na situação relatada, estávamos em três professores, eu conduzia o “barco” na frente de todas as crianças, uma professora no meio e outra atrás. A distribuição que adotamos, somada à brincadeira de “estar no barco”, certamente contribuiu para preservar a segurança diante da adversidade.

O fato descrito nos remete a outra reflexão. A necessidade de incorporar um controle maior das emoções, como mecanismo de sobrevivência, desenvolvendo paulatinamente a noção de consequência dos atos,

não pode ser negligenciada. O mais caro parece ser reconhecer que este processo caminha “de mãos dadas” com o desenvolvimento, por parte das crianças, da noção de medo<sup>3</sup>, via experiência pessoal no sofrimento carnal das ações malsucedidas, na interação com os pares e suas distintas experiências, mas também através da mediação do adulto em situações que poderíamos classificar como de risco. Para Elias (1993, p. 205), “a civilização do ser humano jovem, jamais é um processo inteiramente indolor, e sempre deixa cicatrizes”.

Possibilitar o desenvolvimento da noção de medo na mediação pedagógica, de maneira que não seja traumática, desestimulante ou inviabilizadora das experiências infantis, apresenta-se como um desafio, pois nem sempre ocorre de forma harmoniosa e sutil em situações que as crianças correm algum risco que escapa do controle, ainda que momentâneo, dos adultos, tal como na situação acima relatada.

#### *Sobre a cultura infantil<sup>4</sup>*

A cena: duas crianças do G2 sentaram-se no limite onde as ondas alcançavam a areia da praia e começaram a bater com as palmas das mãos na água quando a onda as alcançava. Cada vez que batiam, olhavam-se e soltavam gargalhadas contagiantes.

Com exceção das atividades aquáticas, uma das regras dos “dias de praia” é a proibição de adentrar na água, principalmente em função do clima frio e ventoso da cidade, mas também pela proposta de desenvolver brincadeiras na areia, preparando o espaço, os materiais e os profissionais

3. Para Norbert Elias, o medo desempenha um papel social importante no autocontrole das condutas, atuando como barreira que impede o indivíduo de agir conforme suas emoções, freia seus impulsos. O sentimento de medo tem relação com o espírito de previsibilidade, a violência física e o status social, medo das possíveis consequências de um ato, da degradação social ou da morte.
4. As culturas infantis, caracterizadas por uma pluralização e diferenciação dos modos de ser criança, face às distintas realidades que estão inseridas, constituem maneiras dissidentes de interpretação e simbolização das coisas quando comparados aos adultos, de modo que, o brincar em si, é incorporar todo um capital simbólico que envolve estas manifestações. (SARMENTO, 2005)



com esta intenção. Atividades na água exigem outra dinâmica, materiais e vestimentas. De qualquer maneira, ao visualizá-las, permiti que continuassem com a brincadeira. Quando uma das professoras percebeu, colocou a mão na cabeça e disse – “ai meu Deus”, indicando seu pensamento de afastá-las imediatamente da água. Com o argumento que já estavam molhadas e ao presenciar o sorriso das crianças, consegui convencê-la.

Para além do argumento utilizado, vale lembrar que as crianças possuem uma maneira peculiar e única de se relacionar com o mundo. Delegá-las, em todas as suas experiências, a uma condição subordinada aos adultos pode privá-las da construção de uma cultura infantil, de motivos, desejos e interesses profundamente ligados as suas vidas que ganham significado e sentido na relação entre os pares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A diversificação dos espaços, materiais e brincadeiras, tem se mostrado uma contribuição significativa na construção da cultura infantil, por privilegiar as relações entre os pares e possibilitar a ressignificação destes pelas crianças. O ambiente da praia mostra-se não só convidativo para as crianças, que usufruem com muita entrega e atenção, mas para os adultos que se envolvem, participando com mais efetividade das brincadeiras, demonstrando um comportamento menos impositivo e controlador das experiências infantis.

Por outro lado, o reconhecimento por parte do educador que o processo civilizador por vezes é doloroso, auxilia a lidar melhor com as situações que envolvem ações repreensivas das condutas infantis, enquanto esforço coletivo de conscientização e incorporação dos riscos e responsabilidades que envolvem a vida e as relações sociais.

Nas ações pedagógicas com crianças, devemos nos questionar se estamos privilegiando a construção e ampliação da cultura infantil ou preocupados em evitar eventos que nos podem “dar trabalho”. Se optarmos pela primeira, surgem duas perguntas relevantes: estamos dispostos a rever a centralidade do adulto na mediação pedagógica?; Quais condutas nas relações entre os pares devem ser fomentadas e repreendidas?

É preciso estar ciente de que o papel do educador a partir desta perspectiva não se limita a observar, mas requer trabalho investigativo, reflexivo e propositivo, buscando meios que privilegiem a inserção das crianças nas diferentes linguagens, valendo-se do vasto patrimônio cultural construído pela humanidade, por meio de uma ação intencional que oportunize a rearticulação, reutilização e ressignificação na experiência da infância.

## **REFERÊNCIAS**

ELIAS, N. O processo civilizador, vol, 2: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Tradução de Ruy Jungmann. 307 p.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Educação e Sociedade, Campinas, vol.26, n 91, p. 361-378, 2005.

SAYÃO, D. T. Infância, Educação Física e Educação Infantil. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis, 2000.

TRISTÃO, A. D. Especificidades e diluições: um relato de experiência sobre a educação física, a educação infantil e suas interfaces. In: Cadernos de Formação – RBCE. v. 3, n. 2, p.19-30, 2012.

VAZ, A. F. Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância. In: Motrivivência, Florianópolis, v. XIII, n. 19, p. 7-11, 2002.

VYGOTSKY, L. S. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de Zóia Prestes. Revista virtual de gestão de iniciativas sociais. Laboratório de tecnologia e desenvolvimento social (COPPE/UFRJ). Junho de 2008. pp 23-36.

**Recebido em 12 novembro 2015**

**Aprovado em 04 dezembro 2015**

**Endereço para correspondência:**

**jacare.andre@yahoo.com.br**

**(48)99767443.**